



Valores e prostituição

Edmundo Arruda

Cada vivência é singular e irreduzível em termos comparativos, Por certo, sem um mínimo de condições materiais torna-se limitada a experiência humana, única em riqueza na invenção literária, na exata proporção inversa da miséria dramática de muitos.

Mas a maravilha do viver resiste à heteronomia da carência. Orfãos, de pais, de modernidade, de esperança por vezes, tem lá seus momentos lúdicos. Bolitas de gude, pipas com cerol, piões, as bonecas rotas das meninas pobres, suas caixinhas de pintura. Em muitas favelas os programas de democratização virtual impacta. São dezenas de crianças ao redor de um velho PC, olhos brilhando em direção àqueles ícones todos na tela. Nas mais singelas lições de mestres nas quase abandonadas escolas públicas um sentido de vida, o do aprendizado, sob condições as mais precárias, bem da verdade.

Há problemas de todos os tipos para ser feliz, mas todos os seres humanos tendem a buscar a felicidade. Tendem, porque há a patologia da modernização capitalista na sua tendência à exclusões de todos os tipos. Mas há também o movimento contrário, em busca do sol, da paz, do amor.

Parece piegas e talvez seja mesmo. Mas o movimento em direção à vida é conservador e revolucionário. Conservar a vida, reproduzi-la justamente na medida em que forças predatórias do mercado aniquilam homens e natureza. Nada mais revolucionário que insistir em viver, em ter filhos, em sonhar em amar alguém, mesmo sabendo que nossos sonhos esbarram ou nos escarram conflitos, muitos inconscientes, contradições insuperáveis, culturas retrógradas, genéticas implacáveis.

Claro que há a contaminação do progresso pelos arcaísmos de toda ordem. As esquerdas lutam por um mundo melhor, com as dificuldades que assolam nosso sistema político e a nossa cultura em geral, a corrupção, o jeitinho brasileiro, a lógica da lei de Gerson, segundo o qual há sempre que se levar vantagem em tudo... Mas há também bons operadores da vida, estejam eles em partidos, em sindicatos, em igrejas, em entidades sociais outras que de alguma forma fomentem algum tipo de solidariedade. E se pela ação de pessoas em espaços públicos algo mude na vida de seres humanos, para melhor, então essas atitudes pró-ativas, ao movimentarem energias vitais afirmam resistências, mesmo se não articuladas ou orgânicas a projetos mais amplos de mudança social.

Os setores medianos e pequeno burgueses, deles sim é que podemos cobrar ou ao menos denunciar posturas e aleivosias típicas da razão cínica. Conheço alguns que se acovardam na defesa desprovida de crítica ao que consideram, com ares doutorais, à sua maneira, como o fim da história às avessas, pela vitória do socialismo, socialismo da miséria, não mais da caserna, mais



decorrente do pragmatismo neoliberal, como se com alianças com os mercados financeiros pudéssemos chegar a uma guerra de posição efetivamente construtiva de novos paradigmas para uma nova relação homem/natureza. Posturas de outra banda podre da classe média, ou dos novos ricos, perfazem o caminho contrário para darem-se as mãos na pusilanimidade. O fim da história estaria exatamente naquela “dialética” de botequim exposta por FHC, segundo o qual o mal menor é o Capital domesticado, em face do que consideram os liberais como uma realidade, hipostasiada ao nível de panacéia, por certo, segundo a qual com a morte dos socialismos reais somente nos resta a aposta em formas políticas liberais distintas para o liberalismo econômico triunfante, ou vice-versa...

Esses novos ricos adoram tomar uísque fumando charutos cubanos enquanto aguardam as prostitutas de luxo durante alguma esticada a congressos ou a algum outro evento-álibi. Muitos cospem na cultura que os projetaram. Traem a si próprios e ao futuro dos seus descendentes, Afinal, o que querem mesmo legar? Por regra são desonestos com suas esposas, os machos. Não falo do comportamento das mulheres, pois não as conheço como aos homens, meu universo sócio-profissional. Mas não vai neste texto um falso moralismo, mas o registro de uma tendência indecente à qual já me filiei, aquela de teor fetichizante que os prostitui, da prostituição ela mesma, ao comportamento prostituído e prostituidor, ao movimento mais universal em suas condições gerais de vida.

No limite até os amigos são em algum momento prostituídos, sob um conjunto de racionalizações também inconscientes, pois o inconsciente, ele mesmo já se encontra colonizado àquele lugar sem leis conscientemente compreendidos em anos de análise..., em que os ímpetos egoístas se revelam enquanto uma naturalidade primitivamente consentida e pactuada, uma medida do estado de natureza o homem como ele é..., o homem pobre, em valores que valem o sentido vital. Trata-se de um pústula, o sicofanta do mercado e do seu próprio empório afetivo e social, uma pantomima de terceira categoria na dramaturgia classista do status quo que ensaia representar.